



Brazilian Journal of Otorhinolaryngology

ISSN: 1808-8694

revista@aborlccf.org.br

Associação Brasileira de  
Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-  
Facial  
Brasil

Marques do Couto, Christiane; Mota Mamede Carvalho, Renata  
O efeito das orelhas externa e média nas emissões otoacústicas  
Brazilian Journal of Otorhinolaryngology, vol. 75, núm. 1, enero-febrero, 2009, pp. 15-23  
Associação Brasileira de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=392437881003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

 redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## O efeito das orelhas externa e média nas emissões otoacústicas

Christiane Marques do Couto<sup>1</sup>, Renata Mota Mamede Carvallo<sup>2</sup>

## The effect external and middle ears have in otoacoustic emissions

Palavras-chave: emissões otoacústicas espontâneas, orelha externa, orelha média.

Keywords: spontaneous otoacoustic emissions, external ear, middle ear.

### Resumo / Summary

**C**aracterísticas como a freqüência de ressonância da orelha externa e da orelha média podem interferir na captação das emissões otoacústicas. **Objetivo:** Investigar a influência da freqüência de ressonância da orelha externa e da orelha média na resposta das emissões otoacústicas. **Desenho Científico:** Estudo de série, prospectivo, clínico. **Material e Método:** Foram feitas medidas com microfone-sonda na orelha externa, timpanometria de multifreqüência e teste de emissões otoacústicas por transitório e produto de distorção em 19 orelhas direitas e 20 orelhas esquerdas de indivíduos do sexo masculino e 23 orelhas direitas e 23 orelhas esquerdas de indivíduos do sexo feminino com 17 a 30 anos. As 85 orelhas eram audiologicamente normais. **Resultados:** Não foram observadas relações estatisticamente significantes entre a melhor freqüência de emissões otoacústicas e a freqüência de ressonância da orelha externa oclusa e da orelha média. **Conclusão:** Os níveis de respostas das emissões otoacústicas por transitório e produto de distorção não são influenciadas apenas pela ressonância da orelha externa e da orelha média.

**C**haracteristics of how external and middle ear resonance frequency can impact the capture of otoacoustic emissions. **Aim:** to study the impact of external and middle ear resonance frequency in otoacoustic emissions. **Study Design:** Prospective, clinical, series study. **Materials and Methods:** Microphone-probe measurements were made in the external ear, together with multifrequency tympanometry distortion product transient otoacoustic emissions in 19 right and 20 left ears from male individuals and 23 right and 23 left ears from female individuals with 17 to 30 years of age. The 85 ears were audiologically normal. **Results:** We did not observe statistically significant associations between the best otoacoustic emission best frequencies and the occluded external and middle ear resonance frequencies. **Conclusion:** Response levels for both transient and distortion product otoacoustic emissions are not influenced by the external and middle ear resonances alone.

<sup>1</sup> Professor Doutor do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

<sup>2</sup> Livre-docente, Professor Doutor do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Estadual de São Paulo- USP.

Universidade Estadual de São Paulo - USP.

Endereço para correspondência: Dra. Christiane Marques do Couto - Rua Pedro Vieira da Silva 144 apto. 2A Jd. Santa Genebra Campinas SP 13080-570.

Este artigo foi submetido no SGP (Sistema de Gestão de Publicações) da RBORL em 1 de julho de 2007. cod.4640

Artigo aceito em 22 de setembro de 2007.

## INTRODUÇÃO

Durante o processo de transmissão do som pela orelha externa e orelha média, uma série de fatores é responsável por modificações no padrão acústico, resultando em um estímulo diferente processado pelo sistema nervoso central em comparação com o estímulo presente no ambiente<sup>1</sup>.

Essas modificações se iniciam na orelha externa que possui um formato aproximado de corneta e apresenta ressonâncias que resultam em amplificação de determinadas freqüências. Segundo Menezes e Motta<sup>2</sup>, cada estrutura provoca um aumento de pressão sonora em sua freqüência natural de aproximadamente 10 a 12 dB. O primeiro modo de ressonância da orelha externa está entre 2500 a 3000Hz<sup>3</sup>.

Os efeitos de ressonância causados pelo pavilhão auricular, concha e meato acústico externo sobre a onda sonora incidente na membrana timpânica podem ser verificados colocando-se um microfone-sonda próximo à membrana timpânica. Quando as medidas de pressão sonora com microfone sonda são realizadas, há variações na pressão sonora e nos valores de impedância, principalmente em altas freqüências<sup>4-6</sup>. Sob condições normais, a impedância do meato ao nível da membrana timpânica é igual à impedância acústica do tímpano para 3000Hz, providenciando assim máxima condição de sensibilidade auditiva<sup>5,7</sup>.

O meato acústico externo exerce a função de guia de ondas, ligando o campo sonoro externo com a membrana timpânica. A membrana timpânica age como transdutor, transformando a pressão sonora em movimento mecânico, o qual interage, via cadeia ossicular, com a cóclea. O som transmitido faz vibrar a cadeia ossicular formada por três ossículos - martelo, bigorna e estribo - os quais mantêm conexões flexíveis entre si. Esse movimento mecânico por sua vez é transmitido aos líquidos existentes na cóclea.

A orelha média não é um transdutor perfeito: possibilita a passagem de somente parte da energia, oferecendo assim uma certa oposição ao som. A impedância acústica verificada na transmissão sonora do meato acústico externo à cóclea é determinada pela interação da massa, rigidez e atrito existentes na orelha média e pela impedância dos líquidos intralabirínticos. Apesar de o componente atrito atuar uniformemente na transferência dessa energia, dependendo da freqüência transmitida observa-se maior ou menor influência da massa ou rigidez. No entanto, existe uma freqüência de ressonância da orelha média em que o efeito de massa e de rigidez se anulam. Em adultos normais, o valor médio da freqüência de ressonância da orelha média é 950Hz variando de 600 a 1350Hz<sup>8</sup>. Essa freqüência pode ser pesquisada pela timpanometria de multifreqüência, sendo que a curva timpanométrica realizada na freqüência de ressonância geralmente apresenta

uma característica de duplo pico de admitância.

O sistema auditivo, porém, não teria uma função exclusivamente passiva voltada à captação dos estímulos, mas também teria uma função ativa regulando esse processo, tendo como subproduto a produção de sons. Essa hipótese foi comprovada por Kemp<sup>9</sup>, que constatou a presença de uma energia sonora produzida na orelha. Essa energia foi denominada de emissão otoacústica.

As emissões otoacústicas são sons registrados no meato acústico externo e derivados da atividade da orelha interna, mais especificamente da motilidade das células ciliadas externas<sup>10</sup>. Podem ser espontâneas ou geradas por estimulação acústica. As emissões otoacústicas evocadas mais utilizadas clinicamente são as emissões otoacústicas por estímulo transitório (EOAT) e emissões otoacústicas produto de distorção (EOAPD). As EOAT são desencadeadas por clique - transitório acústico de curta duração com faixa de freqüência abrangente. As EOAPD ocorrem quando a estimulação é feita com a apresentação simultânea de dois tons puros de freqüências diferentes (f1 e f2). A resposta coclear é caracterizada pela ocorrência de um terceiro tom cuja freqüência (2f1-f2) é um produto de distorção das freqüências do estímulo.

As emissões otoacústicas refletem preferencialmente o estado funcional da cóclea<sup>11</sup>. Entretanto, sofrem variações pelas estruturas da orelha externa e da orelha média da mesma forma que a informação sonora proveniente do ambiente atinge o sistema auditivo. Apesar das emissões otoacústicas possibilitarem uma forma objetiva, rápida e não-invasiva de avaliação da função pré-neural da orelha interna, principalmente das células ciliadas externas, elas podem estar ausentes mesmo com a cóclea íntegra.

Estudos relatados na literatura<sup>12-20</sup> mostram que características da orelha externa e da orelha média interferem duplamente no registro das emissões. Apesar das interferências causadas por condições de vedação da oliva no meato acústico externo e do meato propriamente dito, maiores considerações têm sido feitas a respeito do papel da orelha média.

Segundo Elisson e Keefe<sup>21</sup>, dada à influência da orelha média nas emissões e a relação de emissões para a condição auditiva, variabilidade nas características do funcionamento normal da orelha média podem responder por algumas das variações na sensibilidade auditiva. Além disso, condições patológicas da orelha média geralmente diminuem a amplitude das emissões otoacústicas e algumas vezes obliteram a resposta<sup>22</sup>. Esse é o caso da atenuação resultante dos efeitos de massa ou rigidez em desordens no sistema ossicular da orelha média como otites ou otoesclerose.

A existência simultânea da transmissão adiante e reversa do estímulo e a resposta em certos tipos de emissões resultam em interação potencial entre estímulo e resposta. As emissões otoacústicas são transmitidas da cóclea para

o meato, via orelha média. Portanto, as propriedades de transmissão da orelha média e do meato acústico externo influenciam diretamente as características das emissões. Da mesma forma, a efetividade do estímulo usado para a captação das emissões também sofre alteração.

De acordo com Margolis e Trine<sup>23</sup>, apesar de a orelha média transmitir o som nas duas direções, as características da transmissão adiante e reversa são diferentes. A transmissão adiante através da orelha média determina a efetividade do estímulo que alcança a cóclea. A membrana timpânica e os ossículos produzem um ganho de pressão descrito como função de transformador, acoplando as impedâncias. Na direção reversa, há uma perda de pressão quando a energia é transmitida da cóclea, através da cadeia ossicular, para o meato. As vibrações mecânicas da cadeia ossicular adaptam-se à membrana em movimento, produzindo uma onda de pressão de fluxo aéreo no meato. A pressão sonora produzida no meato é inversamente proporcional ao volume do meato. Essa influência nas características da resposta pode ser observada no sentido oposto: o volume do meato entre a sonda e a membrana afeta a intensidade e o espectro do estímulo na transmissão adiante, uma vez que um pequeno volume resulta em maior pressão sonora do estímulo e em uma mais alta freqüência de ressonância do meato.

A ressonância da orelha externa e a da orelha média têm papel importante na função de transmissão e são facilmente detectadas. Wada et al.<sup>13</sup> concluíram que as emissões otoacústicas são melhor detectadas na freqüência de ressonância da orelha média e em sujeitos cuja mobilidade de orelha média é moderada.

Frente à potencial influência das ressonâncias no registro das emissões otoacústicas, este estudo pretendeu avaliar as características acústicas da orelha externa (nas condições de meato aberto e ocluso pela sonda), da orelha média e das emissões otoacústicas.

A investigação constitui-se de extrema importância, na medida em que a análise das emissões otoacústicas tem sido utilizada para detecção precoce de lesões da orelha interna. A utilização das emissões otoacústicas pode ser mais apurada se o avaliador estiver ciente da participação das demais estruturas (orelha externa e média) na geração das respostas a serem coletadas.

A imitanciometria tradicional pretende contribuir com informações sobre a participação da orelha média neste processo. No entanto, apesar de já ser possível correlacionar a ausência ou redução do nível de resposta das emissões otoacústicas com a timpanometria, não há consenso se o tipo de desordem ou fluido da orelha média altera a ausência ou presença de emissões<sup>24</sup>, assim como a presença ou ausência de emissões nem sempre é dependente do tipo de timpanograma. Timpanometria não é o padrão ouro no diagnóstico da orelha média<sup>25</sup>. De forma não-invasiva, a avaliação das características di-

nâmicas (pela busca da freqüência de ressonância) pode providenciar maior discernimento nas condições funcionais da orelha média<sup>26</sup>.

Nessa direção, Keefe et al.<sup>27</sup> recomendam a utilização de uma maior faixa de informação (0,25 a 8kHz) na avaliação do estado da orelha média conjuntamente com a função de transferência de energia acústica pelo meato acústico externo para melhorar as previsões de perdas auditivas feitas por emissões otoacústicas.

O presente estudo tem como objetivo investigar a influência da freqüência de ressonância da orelha externa e da orelha média na resposta das emissões otoacústicas.

## MATERIAL E MÉTODO

### Aspectos Éticos

A pesquisa foi desenvolvida de acordo com os princípios da declaração de Helsinki. O estudo foi analisado e aprovado pela Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa da Instituição onde foi realizado, sob o protocolo de número 536/01.

Todos os sujeitos envolvidos consentiram na realização desta pesquisa e a divulgação de seus resultados conforme Resolução 196/96.

### Sujeitos

Foram analisadas as respostas auditivas obtidas em 85 orelhas. Para isso, foram avaliados 20 sujeitos do sexo masculino (19 orelhas direitas e 20 orelhas esquerdas) e 23 sujeitos do sexo feminino (23 orelhas direitas e 23 orelhas esquerdas) na faixa etária de 17 a 30 anos, com a audição normal na orelha avaliada. Os sujeitos avaliados não deveriam apresentar história de doença otológica, exposição a ruído, drogas ototóxicas e doença metabólica e deveriam obrigatoriamente apresentar limiares auditivos na orelha testada iguais ou melhores do que 25 dBNA, complânciá estática maior do que 0,2ml, e presença de reflexo acústico ipsilateral nas freqüências de 500Hz, 1000Hz e 2000Hz.

### Procedimento

Os sujeitos foram submetidos à inspeção do meato acústico externo para identificação de presença de impedimentos à realização da bateria de avaliação, como alterações da orelha externa e da membrana timpânica, audiometria tonal de 250 a 8.000Hz, limiar de recepção de fala (LRF) e índice percentual de reconhecimento de fala (IPRF), timpanometria na modalidade de admitância (Ymt) com freqüências de sonda de 226Hz, e pesquisa de reflexos acústicos ipsilaterais com estímulos de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz. O audiômetro clínico GSI-61 - Grason Stadler, com dois canais independentes, micro-processado, calibrado de acordo com os padrões da ANSI 1996 e fones TDH 50 e o analisador de orelha média GSI 33 - Grason

Stadler version 2 - micro-processado foram usados.

A amostra foi coletada com medidas de microfone-sonda adaptadas na orelha externa, timpanometria de multifreqüência e teste de emissões otoacústicas.

A medida do nível de pressão sonora pelas freqüências para um sinal de entrada na orelha aberta foi realizada com microfone-sonda. Foi utilizado o equipamento "Hearing Aid Analyzer MS 40" (Interacoustics). No modo in situ, o MS40 pode medir a resposta da orelha aberta. O tubo sonda foi introduzido no meato a uma profundidade de inserção de 27mm a partir do tragus, o que garantiu o posicionamento do microfone-sonda a uma distância aproximada de 8mm da membrana timpânica. O paciente foi colocado a 0,4m do alto-falante e a 0º azimute. Foi selecionada uma varredura de tom modulado (warble) com um nível de entrada de 70 dBNPS e conduzidas as medidas na faixa de 125Hz a 8000Hz.

Após a realização dessa medida, pode ser verificado o ponto de maior amplitude da curva, sendo a freqüência correspondente a freqüência de ressonância da orelha externa. Essa freqüência possibilitou o cálculo do comprimento do meato acústico externo ( $L'$ ) utilizando a equação (1). Após isso, foi possível calcular a freqüência de ressonância do meato ocluso pela mesma equação. Para esse último cálculo, um novo comprimento do canal foi considerado ( $L''$ ). O novo comprimento é  $L''=L'-8$ , causado pela inserção da oliva do equipamento. A inserção da oliva a partir do tragus foi de 8mm.

Nos dois casos, o meato acústico foi considerado como um tubo fechado (aberto em uma das pontas), cuja freqüência de ressonância seria dada por:

$$v=fS \text{ lednoll4} = (1)$$

Sendo  $f$ = freqüência,  $vS$ = velocidade do som,  $l$ =comprimento de onda e  $l$ = comprimento do tubo (neste caso  $L'$  ou  $L''$ ).

O passo seguinte referiu-se à avaliação da freqüência de ressonância da orelha média e para isso cada orelha foi submetida à timpanometria em multifreqüência, pelo programa padrão do equipamento, com o analisador de orelha média GSI 33 - Grason Stadler version 2- microprocessado e com três freqüências de tom na sonda da imitância: 226Hz, 678Hz e 1.000Hz. O equipamento é capaz de realizar medidas de timpanometria automaticamente, na velocidade de 50daPa/s, e a impressora acoplada ao sistema de gravação registra o resultado.

A freqüência da sonda varia automaticamente de 250 a 2000Hz, em intervalos de 50Hz na pressão inicial. As medidas dos componentes da imitância e das fases são estocadas na memória do equipamento. O primeiro timpanograma gravado é registrado na modalidade de Admitância Acústica (Ya), na freqüência da sonda de 226Hz, sendo denominado Teste 1. Os dados do pico são identificados. Uma segunda varredura é apresentada na pressão em que ocorreu o Pico Timpanométrico

(Ya) em 226Hz. Novamente são estocadas as medidas dos componentes e das fases. As diferenças nos valores dos componentes ( $\Delta Y$ ,  $\Delta B$ ,  $\Delta G[3][1]$ ) e os valores de fase ( $Dq[4][2]$ ) entre a primeira varredura de freqüências e a segunda são calculadas e registradas na tela em função da variação de freqüência (de 250 a 2000Hz). Este teste é denominado Teste 2. A freqüência de ressonância da orelha testada é automaticamente identificada pelo cursor da tela. No Teste 3, um novo timpanograma é traçado na freqüência de ressonância, para a verificação do tipo de curva. Ao término desta avaliação foram registradas as medidas de admitância (Ymt) e a freqüência de ressonância da orelha média.

Os sujeitos foram também submetidos à estimulação acústica por um analisador de emissões cocleares, ILO 92-versão 5.6 (Otodynamics) para identificação de ocorrência de emissões otoacústicas evocadas por transitório (EOAT) e produto de distorção (EOAPD). Para o estudo das EOAT foram utilizados cliques na faixa de 480 a 5000Hz, com intensidade de estímulo entre 78 e 83dBpeNPS[5][3]; foram observados os seguintes parâmetros: reprodutibilidade maior que 50%, estabilidade da sonda maior que 75%. Foram consideradas as respostas obtidas em 4 bandas centradas nas freqüências de 1000Hz, 2000Hz, 3000Hz e 4000Hz.

Para as EOAPD foram apresentadas freqüências pareadas ( $f_1$  e  $f_2$ )[6][4] em uma relação tal que  $f_2/f_1=1,2$ , tendo sido mantidas as intensidades de 65dBNPS para  $f_1$  e 55dBNPS para  $f_2$ . Foram consideradas as respostas nas freqüências de  $f_2$  de 1001Hz, 1257Hz, 1587Hz, 2002Hz, 2515Hz, 3174Hz, 4004Hz, 5042Hz e 6348Hz.

Nesses dois exames de emissões, a freqüência com o nível de resposta máximo foi registrada. Essa freqüência foi denominada "melhor freqüência".

### Análise estatística

Os resultados foram analisados estatisticamente. A análise compreendeu a comparação das variáveis estudadas:

§ freqüência de ressonância da orelha externa oclusa denominada "Ressonância Orelha Externa Oclusa";

§ freqüência de ressonância da orelha média denominada "Ressonância Orelha Média";

§ freqüência com maior nível de resposta das EOAT denominada de "Melhor Freqüência EOAT";

§ freqüência ( $f_2$ ) com maior nível de resposta das EOAPD denominada de "Melhor Freqüência EOAPDf2"

Foi realizada a regressão linear para verificar a correlação entre as variáveis, e feita a Análise de Variância (ANOVA). O nível de significância adotado foi de 5%.

## RESULTADOS

Os valores mínimos, médios, máximos e as medianas das medidas da freqüência de ressonância da orelha

média, freqüência de ressonância da orelha externa oclusa, e a freqüência onde os valores da EOAT e EOAPD foram maiores ou detectados mais distintamente (melhor freqüência) das 85 orelhas podem ser observadas na Tabela 1.

Primeiramente, é possível observar que o valor médio da melhor freqüência das EOAT e respectiva mediana foram 1811Hz e 1000Hz e das EOAPD foi 4862Hz e 5042Hz, da freqüência ressonância da orelha externa oclusa foi 3641,17Hz e 3552,17Hz e da freqüência ressonância da orelha média foi 972,35Hz e 950Hz.

Pode-se ver relação entre as EOAT/EOAPD e as freqüências de ressonância: há uma concentração de níveis mais altos de EOAT e ressonância da orelha média em freqüências médias e de níveis mais altos de EOAPD e ressonância da orelha externa em freqüências altas.

Contudo, uma análise de regressão tentando se ajustar quatro diferentes modelos lineares foi realizada para verificar se a existência de determinada freqüência de ressonância da orelha externa e da orelha média poderia influenciar maiores níveis de resposta encontrados em certas freqüências do registro das emissões otoacústicas. Foi feita a análise da variância (ANOVA) para verificação da significância da relação entre as variáveis. Na Tabela 2, pode-se observar os valores de R quadrado e os p-valores; e nos Gráficos de 1 a 4, a relação entre as variáveis.

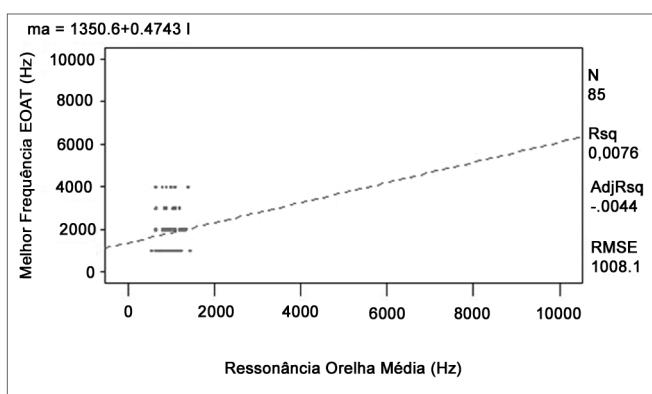
Nenhum dos modelos apresentou níveis de ajustes satisfatórios que permitissem confirmar a hipótese que as emissões poderiam ser influenciadas diretamente pelas características de ressonância da orelha média ou da orelha externa. Em todos os modelos foi observado que o valor de R-quadrado não alcançou 5% e os p-valores foram todos maiores do que 30%, não demonstrando um bom ajuste.

**Tabela 1.** Valores mínimos (MIN), máximos (MAX), médios (MEDIA), medianas (MD) e desvios-padrão das variáveis

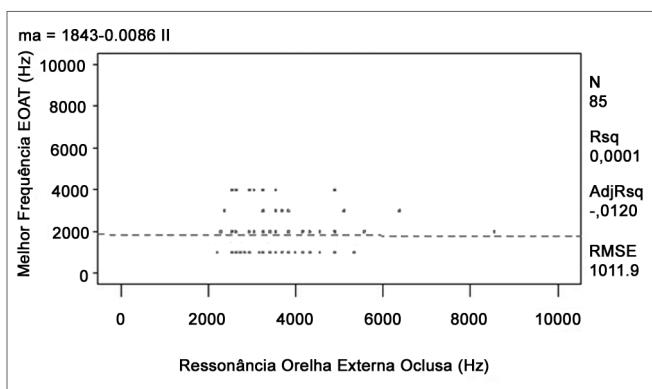
	MÍN (Hz)	MÉDIA (Hz)	MD (Hz)	DP (Hz)	MÁX (Hz)
Ressonância da Orelha Média	550,00	972,35	972,35	184,35	1450
Ressonância da Orelha Externa Oclusa	2212,58	3641,17	3641,17	978,20	8549,47
Melhor Freqüência de EOAT	1000,00	1811,76	1811,76	1005,86	4000,00
Melhor freqüência de EOAPD f2	1001,00	4682,36	4682,36	1627,97	6348,00

**Tabela 2.** Valor de resíduo médio quadrático, valor f e intervalo de confiança da função de cada par de variáveis

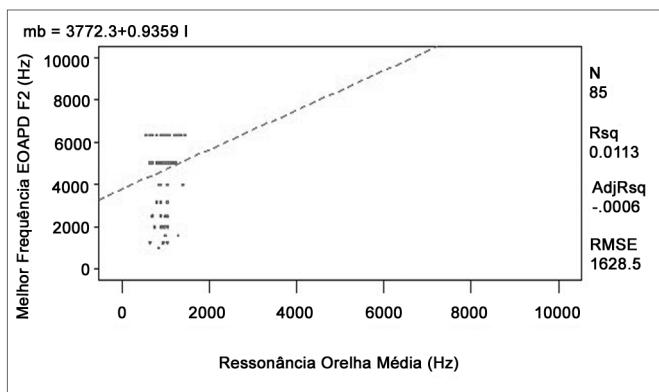
Variáveis		R-quadrado	p-modelo	p-intercepto	p-variável
EOAT (Hz)	Ressonância da Orelha Média (Hz)	0,0076	0,4283	0,0245	0,4283
EOAT (Hz)	Ressonância Orelha Externa Oclusa (Hz)	0,0001	0,9397	<0,0001	0,9397
EOAPD (Hz)	Ressonância da Orelha Média (Hz)	0,0113	0,3337	0,0002	0,3337
EOAPD (Hz)	Ressonância Orelha Externa Oclusa (Hz)	0,0012	0,7513	<0,0001	0,7513



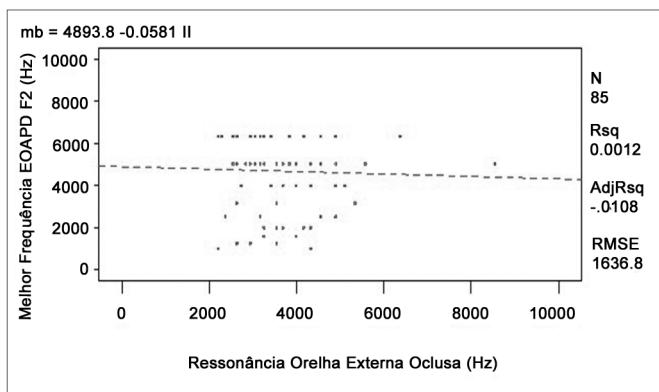
**Gráfico 1.** Relação entre a melhor freqüência da EOAT e a freqüência de ressonância da orelha média.



**Gráfico 2.** Relação entre a melhor freqüência da EOAT e a freqüência de ressonância da orelha externa oclusa.



**Gráfico 3.** Relação entre a melhor freqüência da EOAPDf2 e a freqüência de ressonância da orelha média.



**Gráfico 4.** Relação entre a melhor freqüência da EOAPDf2 e a freqüência de ressonância da orelha externa oclusa.

## DISCUSSÃO

No estudo atual pode-se observar que a maior concentração das melhores freqüências de EOAT foi em 1000Hz. Essa concentração coincide com a maior concentração da freqüência de ressonância da orelha média deste estudo, ou seja, de 900 a 1050Hz. Kemp et al.<sup>12</sup> sugeriram que o espectro das freqüências das emissões por transitório reflete a função de transferência da orelha média com a melhor eficiência de transmissão na faixa de 1000 a 1500Hz e uma perda de transmissão de aproximadamente 12dB por oitava para freqüências baixas e altas.

Segundo Kemp<sup>28</sup>, as respostas da EOAT são mais fortes e facilmente detectáveis na faixa de freqüência de 1 a 4kHz, sendo que uma orelha adulta normal dá fracas EOAT (menores do que 3 dB NPS), com nenhuma resposta substancial acima de 4 kHz. Também foi observada por Mor e Azevedo<sup>29</sup> uma resposta de EOAT de ocorrência uniforme entre as freqüências de 1000 a 4000Hz, com um decréscimo em 5000Hz.

Ainda em relação aos dados obtidos neste estudo, pode-se observar que a maior concentração das melhores freqüências de EOAPD foi em 5042Hz. Segundo Keefe<sup>19</sup>,

a pressão média mínima audível (MAP) na membrana timpânica aumenta levemente em freqüências acima de 5kHz enquanto que os limiares do produto de distorção aumentam abruptamente de 4 a 8kHz. Acredita-se que os níveis de resposta de ambos são influenciados por um fator comum. A ressonância da cavidade da orelha média estaria provavelmente envolvida, sendo um componente necessário na produção da função de transmissão adiante e reversa. No entanto, com o equipamento utilizado neste estudo, a freqüência de ressonância da orelha média só pode ser medida na faixa de 250 a 2000Hz, limitando a investigação da correlação em freqüências mais altas.

Apesar de vários autores terem registrado a interferência das características da orelha média nas emissões otoacústicas, confirmado que apesar das emissões otoacústicas serem geradas dentro da cóclea, elas podem estar reduzidas quando o sistema de condução do som está comprometido, a maior parte dos experimentos observaram apenas a interferência causada por variações de pressão na membrana timpânica<sup>15,30</sup> ou por desordens relacionadas a estruturas da orelha média<sup>16,18</sup>. Medidas imitanciométricas tradicionais realizadas na presença de desordens (como otites, otoesclerose, desarticulação dos ossículos) se mostram correlacionadas positivamente com as alterações das emissões. No entanto, muitas vezes as desordens de orelha média têm impacto desproporcional na expressão de emissões otoacústicas. A presença ou ausência de emissões nem sempre é dependente do tipo de timpanograma. Evidências de função anormal da orelha média obtidas usando uma timpanometria convencional parecem ser um pobre preditor do estado das emissões. A investigação das características dinâmicas da orelha média (freqüência de ressonância) pode providenciar discernimento das condições patológicas em pacientes com desordem de orelha média e, portanto, influenciar o estado das emissões<sup>26</sup>. Isso pode ser proporcionado com equipamentos como o desenvolvido por Wada et al.<sup>13,14</sup> que desenvolveram um novo sistema para medir as características dinâmicas da orelha média sobre condições fisiológicas por meio de um impedânciómetro com varredura de freqüências.

Além disso, de acordo com Wada et al.<sup>13,14</sup>, a escassez de pesquisa sobre a variabilidade das condições de normalidade se deve principalmente à falta de equipamentos que possam dar mais informações sobre as condições da orelha média do que as obtidas com um analisador de orelha média convencional. Com um equipamento mais sofisticado é possível avaliar a influência da freqüência de ressonância da orelha média no registro das emissões otoacústicas. Seus trabalhos<sup>13,14</sup>, realizados com equipamentos desse tipo, mostraram que a energia sonora que vem para o meato acústico externo é transmitida mais eficientemente para a cóclea na freqüência de ressonância da orelha média.

Wada et al.<sup>13</sup> observaram que as emissões otoacústicas evocadas por tone burst são melhor detectadas (maior nível de resposta e melhor freqüência de emissões otoacústicas) na freqüência de ressonância da orelha média (0,8 a 1,5kHz). Nessa freqüência, a membrana vibra com o maior deslocamento de amplitude, e a energia sonora que vem do meato acústico externo é transmitida eficientemente para dentro da cóclea. Os autores afirmam que a relação verificada pode ter sido influenciada pelas freqüências pesquisadas, já que, nesse caso, as medidas das emissões foram feitas somente até 2kHz.

Wada et al.<sup>14</sup> procuraram avaliar a interferência da freqüência de ressonância da orelha média na captação das emissões otoacústicas evocadas por clique e emissões otoacústicas produto de distorção. Comprovaram que há relação entre a melhor freqüência das emissões otoacústicas evocadas por clique ou produto de distorção com a freqüência de ressonância da orelha média. Nas emissões evocadas por clique, essa correlação foi mais forte quando o estímulo utilizado foi linear, sendo que o estímulo não-linear pode eliminar o efeito da orelha média na resposta da estimulação por clique. Em relação às emissões otoacústicas produtos de distorção, observaram que o nível de resposta dessas emissões foi maior quando a freqüência f2 esteve em torno de 1,2kHz, valor que coincide aproximadamente com a freqüência de ressonância da orelha média. O mesmo ocorreu quando a freqüência média geométrica (f1f2)<sup>1/2</sup> foi igual à freqüência de ressonância da orelha média.

Contudo, algumas diferenças são observadas entre o trabalho atual e os descritos por esses autores. Em relação à análise da ressonância da orelha média, esta foi realizada com um equipamento diferente do utilizado neste estudo e apesar de os dois equipamentos terem utilizado como estímulo uma varredura de freqüência entre 0,1 e 2kHz, a unidade do equipamento utilizada por esses pesquisadores foi expressa em dBPNPS e não nas unidades de complâncias ou impedâncias. Da mesma forma, em relação às emissões, esses autores registraram mais freqüências e com intervalos menores entre uma freqüência e outra. Além disso, no primeiro trabalho, as emissões evocadas por tone burst foram registradas apenas entre 0,5 a 2kHz. No segundo trabalho, as EOAT foram pesquisadas com estímulo linear e não-linear, diferente da presente pesquisa que usou apenas o estímulo não-linear. Outra diferença deve-se a ter sido utilizado um sistema diferente do ILO para pesquisa das emissões otoacústicas produto de distorção.

Em relação à freqüência de ressonância da orelha externa oclusa, cuja concentração foi na faixa de 3000 a 4000Hz, não pode ser observada nenhuma coincidência com as melhores freqüências das emissões. Nenhuma referência há na literatura sobre a concentração da freqüência de maior nível de resposta das emissões e a freqüência de ressonância da orelha externa, apesar da consideração

apontada que volumes menores de meato apresentariam freqüências de ressonâncias mais altas e resultariam em estímulos mais intensos<sup>23</sup>.

Coube<sup>31</sup> relatou que valores negativos das EOAPD (-3,6 dBPNPS) para 3kHz poderiam ser considerado de audição normal, enquanto apenas valores positivos foram observados em 1, 2, 4 e 6kHz. Ela acredita que outras pesquisas são necessárias para interpretar esses achados. As autoras do presente artigo acreditam que a influência da ressonância da orelha externa possa estar envolvida nesse achado.

Relações estatisticamente significantes entre as melhores freqüências das emissões otoacústicas e a freqüência de ressonância da orelha externa oclusa e da orelha média não foram observadas. Contudo, há uma concentração de mais altos níveis de EOAT em freqüências médias e de EOAPD em altas freqüências, assim como das ressonâncias da orelha média em freqüências médias e das ressonâncias da orelha externa oclusa em altas freqüências. No caso da melhor freqüência da EOAT há uma concentração similar à ressonância da orelha média: 1000Hz.

Algumas condições do estudo podem ter limitado a verificação da relação entre as variáveis. A principal dificuldade deve-se à resolução das medidas. Ao se analisar as respostas das emissões por faixas, não se dá possibilidade para valores intermediários, apesar de as variáveis estudadas serem de natureza contínua. Além disso, a presença de artefatos causada pelas ondas estacionárias provoca imprecisão na especificação da pressão não-linear.

Os dados sugerem que os níveis de resposta das emissões otoacústicas não são influenciados primordialmente pela ressonância primária. É importante salientar que são vários os modos de ressonância, além da anti-ressonância que pode coincidir com as depressões em relação ao nível de resposta das emissões otoacústicas. Além disso, as ressonâncias são apenas um elemento da complexidade de fatores envolvidos na transmissão simultânea nos dois sentidos (adiante e reverso) do estímulo e da resposta. Diferenças na orelha externa e na orelha média modificam a função de transferência da orelha média e influenciam as medidas fisiológicas como a das emissões otoacústicas.

Segundo Keefe e Levi<sup>32</sup>, o nível de admitância é influenciado pela área e comprimento do meato, pelas ressonâncias da parede do meato, pela interfunção dos efeitos de complâncias e inércia controlados na orelha média e pela presença de perdas. A resposta de pressão varia com as características acústicas dentro do sistema no qual a sonda é inserida. As características da orelha influenciam a transferência de força do campo livre para a orelha média.

A admitância da fonte para as emissões é a admitância de entrada da orelha média. A resposta de pressão medida pela sonda é relatada pela função de transmissão

do meato acústico e da membrana timpânica para a sonda e esta função de transformação depende da área da secção transversal e comprimento do meato e da impedância da fonte da sonda. Segundo Pruria<sup>33</sup>, as medidas de ganho de pressão no sentido adiante e reverso da orelha média indicam que o mecanismo gerador das emissões - por clique e produto de distorção - é dependente da freqüência.

Ao mesmo tempo, ainda é muito recente o conhecimento sobre as emissões otoacústicas. Após serem geradas na cóclea, as emissões otoacústicas sofrem interferências no caminho até a sonda e podem indicar pequenas alterações de impedância no sistema de condução. Refletem, pois, a condição do sistema auditivo cuja finalidade é captar, conduzir e amplificar as vibrações sonoras, com a constante manutenção das melhores condições transdutoras garantindo um alto índice de rendimento para transferir as informações contidas na energia sonora até as células sensoriais especializadas, nas quais as vibrações são convertidas em impulsos elétricos e transmitidas até o córtex auditivo.

Um sistema tão rico e eficaz deve necessariamente conter ainda inúmeras funções parcialmente desconhecidas. Provavelmente esta pesquisa venha a contribuir com outras que tratem experimentalmente desses outros elementos e possam conjuntamente dar importantes informações sobre a integração do sistema auditivo.

## CONCLUSÕES

Foi verificada uma concentração dos maiores níveis de resposta das EOAT em freqüências médias e das EOAPD nas altas freqüências, assim como uma concentração das freqüências de ressonância da orelha média em freqüências médias e das freqüências de ressonância da orelha externa oclusa em freqüências altas. No caso da EOAT observou-se uma coincidência de concentração entre a melhor freqüência de resposta e a freqüência da ressonância da orelha média próximas a 1000Hz.

Apesar dos resultados, essa pesquisa não pode revelar uma forte influência de determinadas freqüências de ressonância da orelha externa oclusa e da orelha média sobre o nível de resposta em freqüências específicas das EOAT e das EOAPD.

## AGRADECIMENTOS FINAIS

Agradecimentos ao professor associado do Instituto de Física da USP, Dr. Walter Maigon Pontuschka, pela valiosa orientação na área de Acústica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Menegotto IH, Couto CM. Tópicos de acústica e psicoacústica relevantes em audiologia. Em: Frota S, editor. Fundamentos em Fonoaudiologia: audiologia. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003. p. 19-39.
2. Menezes PL, Motta MA. Bases Físicas da Audição. Em: Menezes PL, Neto SC, Motta MA, editores. Biofísica da Audição. São Paulo: Lovise; 2005. p. 125-31.
3. Menezes PL, Cabral A, Morais LS, Rocha LP, Passos V. Ressonância: um estudo da orelha externa. Pró-Fono R Atual Cient 2004;16(3):333-40.
4. Stinson MR. The spatial distribution of sound pressure within scaled replicas of the human ear canal. J Acoust Soc Am 1985;78(5):1596-602.
5. Couto CM. Distribuição da pressão sonora no meato acústico externo [dissertação]. São Paulo (SP): Universidade Estadual de São Paulo; 2000.
6. Stinson MR, Daigle GA. Comparison of an analytic horn equation approach and a boundary element method for the calculation of sound fields in the human ear canal. J Acoust Soc Am 2005;118(4):2405-11.
7. Step CE, Voss SE. Acoustics of the human middle-ear air space J Acoust Soc Am 2005;118:861-71.
8. Carvalho RMM. Ressonância da orelha média através da timpanometria em multifreqüência. Rev Bras Med Otorrinolaringol 1997;4:123-7.
9. Kemp DT. Stimulated acoustic emissions from within the human auditory system. J Acoust Soc Am 1978;64:1386-91.
10. Durante AS, Carvalho RM. Mudanças das emissões otoacústicas por transientes na supressão contralateral em lactentes. Pró-Fono 2006;18(1):49-56.
11. Durante AS, Carvalho RMM, Costa FS, Soares JC. Características das emissões otoacústicas por transientes em programa de triagem auditiva neonatal. Pró-Fono 2005;17(2):133-40.
12. Kemp DT, Bray P, Alexander L, Brown AM. Acoustic emission cochleography-practical aspects. Scand Audiol Suppl 1986;25:71-95.
13. Wada H, Ohyama K, Kobayashi T, Sunaga N, Koike T. Relationship between evoked otoacoustic emissions and middle ear dynamic characteristics. Audiology 1993;32:282-92.
14. Wada H, Ohyama K, Kobayashi T, Koike T, Noguchi S. Effect of middle ear on otoacoustic emissions. Audiology 1995;34:161-76.
15. Konradsson KS, Sevenson O, Carlborg B, Grenner J. Tympanic pressure gradients and otoacoustic emissions. Ear Hear 1999;20:403-9.
16. Zhao F, Wada H, Koike T, Stephens D. The influence of middle ear disorders on otoacoustic emissions. Clin Otolaryngol 2000;25:3-8.
17. Carvalho RMM, Ravagnani MP, Sanches SGG. Influência dos padrões timpanométricos nas emissões otoacústicas. Acta AWHO 2000;19:18-25.
18. Tlumak AI, Kileny PR. Parameters that affect the measurement of otoacoustic emissions. Curr Opin Otolaryngol Head Neck Surg 2001;9:279-83.
19. Keefe DH. Spectral shapes of forward and reverse transfer functions between ear canal and cochlea estimated using DPOAE input/output functions. J Acoust Soc Am 2002;111:249-60.
20. Coube CZV, Costa Filho OA. Princípios básicos das emissões otoacústicas. Em: Frota S, editor. Fundamentos em fonoaudiologia: audiology. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003. p. 95-108.
21. Elisson JC, Keefe DH. Audiometric Predictions Using Stimulus-Frequency Otoacoustic Emissions and Middle Ear Measurements. Ear Hear 2005;26 (5):487-503.
22. Yeo S W, Park, S-N, Park, YS, Suh, B D. Effect of middle-ear effusion on otoacoustic emissions. J Laryngol Otol 2002;116:794-99.
23. Margolis, RH, Trine, MB. Influence of Middle - Ear Disease on Oto-acoustic Emissions. Em: Robinette M S, Glattke T J, editores. Otoacoustic emissions: clinical applications. New York: Thime; 1997. p. 130-49.
24. Tas A, Yagiz R, Uzun C, Adali MK, Koten MT, Tas M et al. Effect of middle-ear effusion on distortion product otoacoustic emissions. Int J Pediatr Otorhinolaryngol 2004;68:437-40.
25. Akdaghan O, Ozkan, S. Otoacoustic emissions in children with otitis media with effusion. Int J Pediatr Otorhinolaryngol 2006;70:1941-4.
26. Zhao F, Wada H, Koike T, Ohyama K, Kawase T, Stephens D. Transient evoked otoacoustic emissions in patients with middle ear disorders. Int J Audiol 2003;42:117-31.

- 
27. Keefe DH, Gorga MP, Neely ST, Zhao F, Vohr BR. Ear-canal acoustic admittance and reflectance measurements in human neonates. II. Predictions of middle ear in dysfunction and sensorineural hearingloss. *J Acoust Soc Am* 2003;113:407-22.
28. Kemp DT. Otoacoustic emissions, their origin in cochlear function, and use. *British Medical Bulletin* 2002;63:223-41.
29. Mor R, Azevedo, MF. Emissões otoacústicas e sistema olivo coclear medial:pacientes com zumbido sem perda auditiva. *Pró-Fono R Atual Cient* 2005;17(3):283-92.
30. Avan P, Büki B, Maat B, Dordain M, Wit HP. Middle ear influence on otoacoustic emissions. I:Noninvasive investigation of the human transmission apparatus and comparison with model results. *Hear Res* 2000;140:189-201.
31. Coube, CZV. Emissões otoacústicas evocadas - produto de distorção:estudo em indivíduos com perda coclear [tese]. Bauru (SP): Universidade Estadual de São Paulo; 2000.
32. Keefe DH, Levi E. Maturation of the middle and external ears: acoustic power-based responses and reflectance tympanometry. *Ear Hear* 1996;17:361-73.
33. Pruria S. Measurements of human middle ear forward and reverse acoustics: Implications for otoacoustic emissions *J Acoust Soc Am* 2003;113 (5):2773-89.